

A análise da cobertura jornalística sobre o fuzilamento do músico Evaldo Rosa Dos Santos¹

Wesley Frederick Pinto Lima RIBEIRO²
Douglas Junio Fernandes ASSUMPÇÃO³

Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

Este artigo tem como proposta analisar a presença e a ausência de elementos jornalísticos que fortalecem o processo informacional agregando credibilidade ao relato por meio do aprofundamento. Busca-se compreender as motivações que corroboraram para as presentes construções e abordagem presentes nas produções jornalísticas das versões online dos jornais O Estado de São Paulo (Estadão) e O Globo. A estrutura teórica centra-se nos estudos de jornalismo de GOMES (2009), A.A. SCHMITZ (2011), MARQUES DE MELO (2009, 2016), Jorge Pedro Sousa (2001), TRAQUINA (2001) e McQUAIL(2003); Tendo como proposta metodológica análise de cobertura jornalística de Ponte (2005) e análise de discurso de Maingueneau (2000), Bakhtin (2003, 2006), qual pode-se observar que há uma ampliação da ponderação do uso dos elementos compositores dos textos informativos.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Informativo, Produção, Cobertura, Análise do Discurso, Militares.

Introdução

Ao direcionar este estudo para cobertura jornalística, tem-se como objetivo compreender os elementos que colaboram ao pensar na matéria, pois QUÉRÉ (2005 p.6) aponta que os acontecimentos podem ser “tanto a explicação causal do acontecimento e a construção do seu passado e do seu futuro, como o seu poder de esclarecimento e a fonte de inteligibilidade que ele constitui.”. Assim, os fatos podem ser sustentados pelas narrativas que são capazes de transformar as pessoas e coisas das histórias que se originam pela mídia. (REBELO, 2006, p. 19).

Deste forma, o jornalismo tem a obrigação de não abster-se da sua necessidade natural de levar a informação para a população da maneira mais completa possível item este que está

1 Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

2 Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade da Amazônia (UNAMA). É membro do Grupo de Pesquisa Interações e Tecnologia na Amazônia – ITA (UFPA/UNAMA/CNPq).E-mail: wesleylimajornalista@gmail.com

3 (Orientador) Pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia - UNAMA. Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). É membro do Grupo de Pesquisa Interações e Tecnologia na Amazônia – ITA (UFPA/UNAMA/CNPq), Estudos de Capital Social e Cultural no Contexto da Mídia Contemporânea (UNAMA/CNPq) e Journalisme à l’heure du numérique – JAND (Universite Lumiré Lyon 2). E-mail: rp.douglas@hotmail.com

inclusive explicitado na Constituição da República Federativa do Brasil, ou seja, o processo informativo deve ser realizado da forma mais esclarecedora e tendo em conta aspectos como: clareza, fluência, concisão, precisão, coesão e coerência (SQUARISI et SALVADOR, 2005).

Analisa-se nesta pesquisa a produção da cobertura jornalística sobre a ação da patrulha do exército, publicadas nas matérias dos jornais “O Estado de São Paulo” (Estadão) e “O Globo”. As matérias utilizadas foram recolhidas no período de 20 a 29 de junho de 2019, totalizando 24 matérias jornalísticas.

Para desenvolver os estudos apontou-se algumas categorias de análise, tendo a proposta metodológica de Ponte (2005) que fornece algumas variáveis temáticas e formais e concentra-se no estudo da mensagem. Além da análise de discurso de Maingueneau (2000) e de Bakhtin (2003, 2006), pois nos estudos dos produtos há indícios da preponderância da análise da mensagem sobre as demais etapas do processo jornalístico. Sendo possível demonstrar que o conjunto dessas coberturas, em análise no artigo, leva à conclusão de que não se utilizou da totalidade de recursos em nenhum dos produtos do gênero informativo.

1. Além do simples produto

Os textos jornalísticos informativos⁴, como qualquer produção humana, estão passíveis de processos significatórios por utilizar-se de signos, isto é, da construção feita pela combinação de um conceito e de uma imagem acústica (SAUSSURE, 1916). Contudo, essa significação é arbitrária e a construção depende dos processos cognitivos que a isto está atrelado e das práticas sociais. Embora, segundo a definição do *ethos* jornalístico, a produção e o compromisso do jornalista devem proporcionar a construção do produto jornalístico informativo, como historicamente ficou difundido, “fiel” ao acontecimento (GOMES, 2009, p. 14), como escreve PHILLIPS (1976:63, apud TRAQUINA, 2001, p.142):

Durante muitos anos, uma série de convenções ou cânones de 'objetividade' têm servido de esquema protetor. Estes cânones, baseados em vagas noções de equilíbrio, justeza, exatidão e neutralidade na escolha e edição de notícias jornalista atuavam como salvaguarda da autoridade legítima do jornalista.

Essa formação (da informação), por ser fruto do intelecto humano, acaba sendo de maneira não-intencional ou intencional um fator que sofre as influências do indivíduo, porque este não pode separar-se da sua condição de ser influenciado por vivências, cultura e pela

⁴ O gênero informativo está composto por produções que possuem como referencial ocorrências e posições externas à empresa jornalística, ou seja, sua construção não depende do veículo de comunicação, mas da existência dos fatos.

sociedade; “Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todos são parte do continente, uma parte de um todo” (DONNE, 1624, n.p).

Conforme GOMES (2009, p. 50), a noção de verdade que compõe a informação, quando confrontada, acaba resultando em um debate sobre o que é a verdade. Debate este que, apesar de ser muito relevante e presente, é muito controvertido por tratar de uma definição complexa e que para muitos é tida como simples e, a exemplo disso, tem-se esta entrada sobre o que é verdade: “Que é fiel ao original; diz-se da representação que é exatamente igual ao seu modelo: a verdade de uma pintura” (DICIO, 2019). Por isso, torna-se de fundamental esclarecer e estabelecer que existem diversas conjecturas sobre o sentido de verdade. No entanto, a definição de verdade trabalhada na prática jornalística real é a que se baseia no realismo crítico perspectivista, que, de acordo com Gomes (2009b), precisou-se de muita experiência para, através do estudo sobre o perspectivismo, poder-se chegar ao entendimento que as nossas concepções e limitações vão intervir de alguma maneira na assimilação dos fatores envolvidos, ou seja, no modo como ficarão dispostos e expostos. E, como Bakhtin (2006) explicita, a intervenção humana está de modo inseparável ligada às condições de comunicação que estão intimamente conectadas às formações sociais. Maingueneau (2000, p. 85) sobre o texto esclarece que: “não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”.

O modo de interpretação atua sobre o *continuum* da percepção: segmentando, classificando e pertencendo. E isto não é uma intervenção irrelevante, porque as coisas passam a ser estabelecidas de acordo com uma comunidade de sentidos, ou seja, de uma visão social comum (GOMES, 2009c).

Ressalta-se que o texto jornalístico, como pode-se notar, também está inserido dentro do cenário sócio-linguístico e para entender isso é necessário tomar em consideração que, como em qualquer produção intelectual humana, depende das estruturas orgânicas que comandam a linguagem (VYGOTSKY, 2001). E que, assim, os processos de formulação das ideias e conceitos cooperarão para que como toda comunicação social seja elaborada:

Nesse sentido, é urgente compreender que o profissional de jornalismo, como elo entre o fato e o público, não é um mero transmissor de acontecimentos; ele vincula palavras, expressões, frases e pode, no ato diário de comunicação, eliminar alguns termos, colocá-los no esquecimento, firmando outros, tornando correntes palavras até então consideradas impróprias, gírias ou de baixo calão. Por tudo isso, por tal poder de tratar com a linguagem, na escolha de termos, na articulação, no aproveitamento da língua popular, na consagração de expressões, na divulgação de palavras

estrangeiras, é que se pode afirmar que o jornalista, de certa forma, também educa, pois não só informa, mas faz parte da formação do leitor (NUNES, 2003, p.11).

O jornalismo, como fonte de informação, realiza a organização e produção de inúmeros textos, verbal ou não, falados ou escritos, que terão funções sociais diversas:

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos (MELO, 2009, p.35).

O jornalismo é voltado para um público, que para alguns é chamado de massas, e deve-se esclarecer que a divisão do fruto da prática jornalística em gêneros, segundo McQUAIL (2003, p. 336): "pode ser considerado um mecanismo prático para ajudar qualquer meio de massas a produzir, de modo consistente e eficiente, e a relacionar a sua produção com as expectativas das suas audiências". Além disso, para Melo (2016, p. 47) outra questão que envolve a classificação e definição dos textos jornalísticos são os formatos midiáticos que: “são variantes dos gêneros, estando a eles subordinados, ao mesmo tempo em que se desenvolvem segundo suas lógicas internas, próprias, e multiplicam potencialidades”.

Quadro 1 . Gêneros jornalísticos

1. Gênero informativo	1.1. Nota; 1.2. Notícia; 1.3. Reportagem; 1.4. Entrevista.
2. Gênero opinativo	2.1. Editorial; 2.2. Comentário; 2.3. Artigo; 2.4. Resenha; 2.5. Coluna; 2.6. Caricatura; 2.7. Carta; 2.8. Crônica.
3. Gênero interpretativo	3.1. Análise 3.2. Perfil 3.3. Enquete 3.4. Cronologia 3.5. Dossiê
4. Gênero diversional	4.1. História de interesse humano 4.2. História colorida
5. Gênero utilitário	5.1. Indicador 5.2. Cotação 5.3. Roteiro 5.4. Serviço

Fonte: Adaptado Melo (2009, p.35)

Sobre as variedades de gêneros da prática jornalística e suas estruturas, inclusive do gênero informativo, vale considerar que:

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso. A riqueza e a variedade dos

gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 2003, p. 279).

Em síntese, o que se pode dizer é que é possível realizar composições mais seguras e rigorosas quando se assume uma posição distante e isenta do fato, isto é, registrar e organizar fatos, sem interferências de paixões ou distorções do relato que está sendo exposto sobre determinada ocorrência, fundamentada na organização permeada pela experiência do outro (LEAL, ANTUNES E VAZ, 2014, p. 196).

O caráter investigativo, acompanhado de um acurado senso apurativo, é, como um todo, algo indissociável do labor do jornalista profissional que deve recorrer, com as devidas ressalvas⁵, às mais variadas fontes, de inúmeras naturezas, para a construção de uma noção mais completa e ampla sobre a ocorrência, cruzando e organizando os dados.

Para compreensão do que são as fontes jornalísticas, cabe a classificação feita por Schmitz, (2011, p. 2):

Uma taxonomia, representada em uma matriz para demonstrar a dinâmica dos grupos, classes e tipos de fontes por categoria (primária e secundária), representatividade (oficial, empresarial, institucional, testemunhal, especializada e de referência); ação (proativa, ativa, passiva e reativa), crédito (identificada e sigilosa) e pela qualificação (confiável, fidedigna e duvidosa).

Sendo assim, cabe ao jornalista a responsabilidade de apurar, a partir do momento em que reporta uma fala ou pronunciamento de alguma instituição ou alguém, o que está sendo dito minuciosamente. Pois, decorre da apuração, um dos pilares que dá sustentação para o jornalismo, a credibilidade. A produção da atividade jornalística tem em si diversos gêneros que, apesar da segmentação e particularidades de cada uma desses produtos, devem estar assentados sobre o comprometido com o público. Esses produtos, sobretudo os textos informativos, devem estar ligados às práticas investigativas, apuratórias e suas funções. O gênero informativo tem que levar em conta, o máximo possível, os princípios do ideal de objetividade, distância das influências de opinião e posicionamentos do jornalista com relação aquele conteúdo produzido, porque no jornalismo a opinião possui, assim como a informação, o seu espaço delimitado.

5 “O campo jornalístico passa a articular com os campos políticos, econômicos e sociais, sujeito às relações comerciais, às pressões do público, às ações dos jornalistas, aos interesses sociais, políticos e culturais. Então, as fontes entram nesse campo para fazer o seu jogo” (SCHMITZ, 2011, p.8).

Ademais deste detalhe, este processo investigativo e expositivo, por mais simples que pareça, deve responder a questões básicas que atendam às necessidades e urgência dos produtos do jornalismo; e, para isso, muitas vezes os jornalistas procuram utilizar-se de esquemas como lide e pirâmide invertida⁶.

Com relação ao espaço ocupado pelos textos jornalísticos, é muito importante destacar que este item (espaço) depende proporcionalmente da importância do que está sendo relatado e que um serviço público jamais deixaria de ter seu espaço reservado no jornal que tem, desde a sua formação, como objetivo abordar tudo o que é interesse público.

2. Processo Metodológico

Este trabalho de pesquisa propõe-se a analisar a produção da cobertura jornalística sobre a ação da patrulha do Exército, que resultou na execução do músico Evaldo Rosa dos Santos e também; e na morte do catador de materiais recicláveis, Luciano Macedo. Para a seleção dessas reportagens foram consideradas os seguintes tópicos: abertura de ação, prisão, soltura, manipulação de provas, denúncias e julgamento da execução.

Para desenvolver o estudo apontou-se algumas categorias de análise, tendo a proposta metodológica de Ponte (2005) que estabelece 3 níveis de compreensão da produção jornalística: (1º) marcas da apuração (2º) marcas da composição do produto e (3º) aspectos da caracterização contextual.

Quadro 02 – Níveis de análise

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO
Marcas Da Apuração	Método de apuração e da estratégia de cobertura em close-up

⁶ De acordo com Gradim, Anabela (2000, p.41), o *lead* ou lide é: “o primeiro parágrafo da notícia e nele o leitor deverá encontrar resposta a seis questões fundamentais: O Quê, Quem, Quando, Onde, Porquê e Como; sendo que as duas últimas questões – Porquê e Como – podem as mais das vezes omitir-se do *lead*, guardando-se para o parágrafo subsequente”.

Id ibidem, p.45 define a pirâmide invertida como: “a técnica mais comum de construção das notícias e segue-se naturalmente da elaboração de um bom *lead* directo. Significa, muito simplesmente, que numa notícia, a seguir ao *lead*, todas as restantes informações são dadas por ordem decrescente de importância, de forma que, à medida que se vai descendo no corpo da notícia, os factos relatados se vão tornando cada vez menos essenciais. Pirâmide invertida porque a base desta, aquilo que é noticiosamente mais importante, se encontra no topo – em ordem muito distinta à que seguem por exemplo a novela, o drama ou o conto”.

Marcas Da Composição Do Produto	Centra-se , não apenas no texto, mas o conjunto do produto: localização na página, diagramação, foto e outros
Aspectos Da Caracterização Contextual	Trata-se do contexto sócio-histórico cultural em que se insere a produção jornalística

Fonte: Adaptado Ponte (2005)

Desta forma, aplicou-se a análise do discurso de Maingueneau (2000) e de Bakhtin (2003, 2006) neste trabalho como uma técnica capaz de mostrar evidências no estudo dos produtos e toma-se de maneira preponderante a análise da mensagem, composição do produto, sobre as demais etapas do processo jornalístico.

Após isso, realizou-se a criação de uma tabela expositiva-comparativa que foi aplicada nas coberturas dos dois veículos de comunicação e identifica a presença ou ausência de elementos que habitualmente estão presente em matérias jornalísticas informativas de sites jornalísticos sobre execução entre civis. Isto é, é levada em conta a presença de componentes audiovisuais, fotojornalísticos, pdf, incorporação de ‘posts’ de redes sociais e identificação (nomeação e referenciação) das personagens responsáveis pela execução do músico.

Tendo o seguinte material levantado:

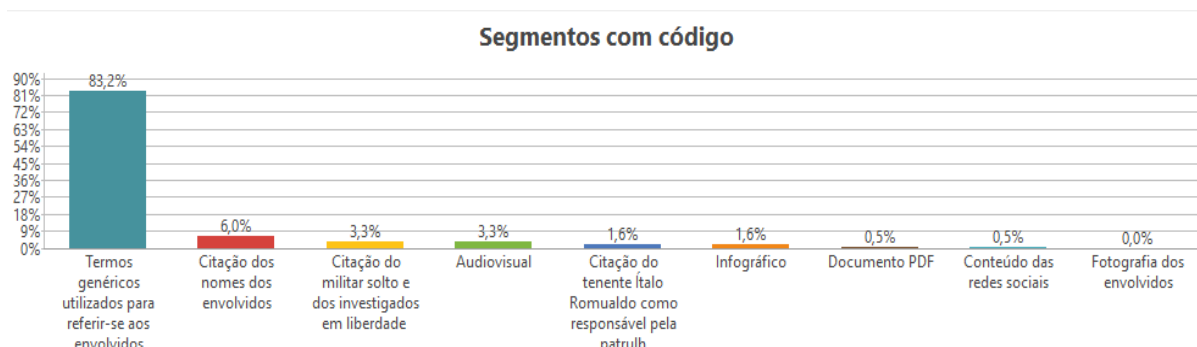
Quadro 03 – Levantamento da matérias publicadas

JORNAL	MÁTERIAS
ESTADÃO	13 MATÉRIAS JORNALÍSTICAS
O GLOBO	10 MATÉRIAS JORNALÍSTICAS
	TOTAL: 23 MATÉRIAS JORNALÍSTICAS

Fonte: Autores (2019)

Outra ferramenta que auxiliou na elaboração do trabalho foi o programa MAXQDA 2018, no qual se coletou as informações e as organizou em gráfico por meio da ferramenta frequência de códigos em que considerou a forma "segmentos com código" e criou-se um gráfico (Figura 01) que expõe a situação das coberturas somadas.

Figura 1. Situação das coberturas



Fonte: Autores, 2019

Fazendo uso do acervo criado para a observação, por meio do programa MAXQDA 2018⁷, obteve-se a transformação dos dados organizados no seguinte gráfico, em que pode-se atestar que os termos genéricos estiveram presentes em todos os 23 documentos em contraste com a presença do nome dos envolvidos que só esteve presente em 11 dos documentos que foram colhidos para pesquisa. Assim, também, aponta-se a presença de infográficos, documentos em PDF e conteúdo de redes sociais e audiovisual (do confronto, sem identificar os 12 militares). O esquema expõe igualmente a ausência de fotografias que identifique os servidores do Exército.

3. Discussão e Resultados

Foram identificadas e selecionadas, segundo os tópicos utilizados para seleção, na cobertura do jornal "O Estado de São Paulo" (Estadão), treze reportagens, nas quais é possível notar a existência e "obediência" de um modelo que segue padrões que costumeiramente são encontradas nas produções que compõem a cobertura feita pelos jornais quando reportam notícias sobre esse caso e sobre militares em geral. Deve-se levar em consideração o que está exposto no Ofício nº 13596/GM-DM, de 29 de maio de 2019, no qual é dito que "fica prejudicada a concessão de informações, tendo em vista que as investigações encontram-se em andamento e em segredo de justiça"⁸.

⁷ Software para análise qualitativa de dados como textos, entrevistas, transcrições, gravações em áudio/vídeo, revisões de literatura etc.

⁸ Conforme ao exposto no ofício nº 13596/GM-DM, em resposta ao item 3 - em que são postas as seguintes perguntas "Houve planejamento para a operação do Exército no dias 05 e 07 de abril, nos bairros do Realengo e Guadalupe, ambos na cidade do Rio de Janeiro? Se sim, quais eram os oficiais responsáveis? Quem autorizou os agentes envolvidos na operações a dispararem? Quais são os níveis hierárquicos e respectivos responsáveis pelo planejamento e autorização das operações realizadas na área de segurança pública, inclusive para a autorização do disparo por arma de fogo?" - do requerimento de informação nº 406/2019 feito pela Câmara dos Deputados: "[...] Concernente aos demais quesitos apresentados no item 3), fica prejudicada a concessão de informações, tendo em vista que as investigações encontram-se em andamento e em segredo de justiça por meio dos IPM e APFD/diligências complementares. No bojo das apurações em questão serão aferidas as responsabilidades pontuadas."

Na cobertura feita pelo jornal “Estadão” há a presença, quando há, de um e até, no máximo, três dos recursos: nomes dos envolvidos, audiovisual (sem identificar os envolvidos), PDF e infográficos.

Por meio do que foi coletado, vê-se que houve uma abordagem que priorizou, de certo modo, a pulverização das informações os militares em pequenas porções em produções sobre o caso, ou seja, a cobertura deu preferência a exploração individual da figura dos militares de maneira amígdala e quase inexistente. E, apesar de notar em algumas matérias a presença do nome dos militares, não houve a preocupação de explorar o elemento fotográfico ou audiovisual para identificação destes. Vale ressaltar também a valorização da “numerificação” e nominalização dos envolvidos como um coletivo ou pelos seus cargos. A exemplo disso, tem-se matérias inteiras nas quais só há o uso do substantivo "militar(es)".

Recorte 01 - Matéria “Militares envolvidos na morte de músico no RJ serão soltos nesta sexta”

Militares envolvidos na morte do músico Evaldo dos Santos Rosa e do catador de materiais recicláveis Luciano Macedo serão soltos na manhã desta sexta-feira, 24, no Rio de Janeiro.

Na noite desta quinta-feira, 23, o Superior Tribunal Militar (STM), em Brasília, decidiu conceder liberdade a nove dos 12 militares que participaram da ação em 7 de abril, em Guadalupe, na zona norte do Rio. Os outros três militares já haviam sido libertados por ordem da Justiça e respondem ao processo em liberdade.

O músico seguia com a família para um chá de bebê quando o seu carro foi alvejado por mais de 80 tiros disparados por um grupamento militar que, supostamente, teria confundido o veículo com o de bandidos. Segundo laudos técnicos, foram disparados 257 tiros na ação. Evaldo morreu no fuzilamento, mas seus parentes conseguiram escapar. Luciano, que estava nas proximidades e tentou ajudar a família, acabou sendo também baleado e morreu dias depois. Os militares respondem por homicídio qualificado, tentativa de homicídio qualificado e omissão de socorro. Evaldo dos Santos Rosa levava a família para um chá de bebê.

O STM é formado por 15 ministros: quatro do Exército, três da Marinha, três da Aeronáutica e cinco civis. O presidente do tribunal só vota em caso de empate. Isso não foi necessário neste caso. Apenas a ministra Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Rocha, a única mulher na corte, votou pela manutenção da prisão dos nove militares. Em seu voto, ela afirmou: “Quando um negro pobre no subúrbio do Rio de Janeiro é confundido com um assaltante, tenho dúvidas se o mesmo ocorreria com um loiro em Ipanema, vestindo uma camisa Hugo Boss.”

Fonte: Jornal o Estadão (2019)

O corpus do Recorte 01 está composto por uma cena englobante evidencia se um discurso de natureza jornalística, cujo os indivíduos consumidores estão enredados no processo comunicativo, a cena genérica visa informar e levar pleno conhecimento ao público leitor. A cenografia, apesar de entregar ao leitor alguns aspectos do cenário que constituem o fato, sofre uma perda do processo de desenvolvimento desta matéria jornalística, pois vai sendo prejudicada pela desconsideração do detalhamento e apresentação dos actantes envolvidos visto que estes têm seus nomes trocados pelo termo generalista “militares”, antecedido ou não de quantificação.

Quadro 03 – Análise das matérias do jornal “Estadão”

Matéria	Dez militares do Exército são presos após atirar mais de 80 vezes em carro no Rio	Morre catador ferido ao tentar ajudar músico fuzilado com 80 tiros do Exército	Nove dos dez militares que fuzilaram músico seguirão presos	Músico foi atingido por 9 dos 83 tiros de militares no Rio, diz TV	STM deve decidir nesta 4ª feira se liberta militares presos após fuzilamento de músico no Rio	Três ministros se manifestam por liberdade dos 9 militares dos 80 tiros e um é contra	Militares envolvidos na morte de músico no RJ serão soltos nesta sexta	Procuradori a abre investigação dos 80 tiros de militares contra músico	Justiça abre ação contra 12 militares por homicídio qualificado de músico no Rio	‘Missão dada é cumprida’	STM solta nove militares dos 80 tiros contra músico no Rio	Nove militares dos 80 tiros contra músico no Rio são soltos	Ministra do STM aponta ‘visível manipulação de provas’ no caso dos 80 tiros
Nome dos militares	N/P ⁹	N/P	P ¹⁰	P	N/P	P	N/P	N/P	P	P	P	P	P
Audiovisual	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	P	P	P	N/P	P
Fotografia dos militares	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P
PDF	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	P	N/P	N/P	P	N/P
Infográfico	P	N/P	P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P

Fonte: Elaboração do autor, 2019

9 Lê-se N/P como: Não possui.

10 Lê-se P como: Possui.

Já em “O Globo” foram identificadas dez reportagens que compõem a cobertura feita pelo jornal sobre o fuzilamento do músico e o julgamento dos militares envolvidos no caso.

No material contemplado pela pesquisa, encontram os elementos referenciais, que igualmente substituíam, como no jornal “Estadão”, o nome dos envolvidos e este recurso foi utilizado em diversas reportagens. A exemplo disso, alternativa de referenciação usou-se nos textos estudados os seguintes substantivos e expressões: o (s) militar (es), militares do Exército, soldados, acusados, investigados, denunciados dos integrantes do Exército. Além da tática de pronominalizar “eles” e referir-se à patrulha numerando-os, por exemplo: “nove dos dez”, “dez dos doze”. Outro ponto que deve ser observado com a atenção é a ausência do elemento fotográfico e gravações de entrevistas dos militares. Conforme representado na quadro 04.

Recorte 02 - Matéria “Carro de músico começou a ser fuzilado a 250 metros de distância, aponta perícia do Exército”

Rio — O primeiro tiro que atingiu o músico Evaldo Rosa nas costas foi disparado a 250 metros de distância do carro em que ele e sua família estavam na tarde do dia 7 do mês passado, quando iam para um chá de bebê, em Guadalupe. A bala de fuzil atravessou a área do Piscinão de Deodoro e fez o motorista perder os sentidos. Os militares que mataram Evaldo também acertaram o gradil do piscinão e, por oito vezes, o muro de um depósito da Comlurb. As informações constam de laudos periciais elaborados pelo Exército, que fazem parte do inquérito sobre o caso.

Os disparos começaram quando o carro dirigido pelo músico estava na esquina da Travessa Brasil e seguia para a Estrada do Camboatá. Logo após o veículo dobrar uma esquina, Evaldo foi alvejado: a bala entrou pela caixa de rodas na parte de trás, atravessou o banco do motorista e o acertou. De grande potência, outros tiros chegaram a varar o carro de uma ponta à outra.

Segundo a investigação, quando fizeram os primeiros disparos, 12 homens do Exército que integravam a guarnição haviam acabado de trocar tiros com homens que tinham roubado um veículo semelhante, num sinal de trânsito da Estrada do Camboatá. A mulher e o sogro de Evaldo, nos depoimentos que prestaram ao Ministério Público Militar (MPM), afirmaram que sequer notaram o assalto.

Para as promotoras Najla Nassif Palma e Andrea Helena Blumm Ferreira, que assinaram a denúncia contra os militares pelos homicídios de Evaldo e do catador Luciano Macedo, que tentou socorrê-lo, houve excesso dos integrantes do Exército na reação ao assalto. “A conduta dos denunciados desrespeitou o padrão legal de uso da força e violou regras de engajamento previstas para operações análogas, em especial o emprego da força de forma progressiva e proporcional e a utilização do armamento, sem tomar todas as precauções razoáveis para não ferir terceiros”, escreveram as promotoras na denúncia. O documento foi recebido pela Justiça Militar no sábado.

Os demais disparos que acertaram o carro foram dados de uma distância bem menor. Segundo a investigação, após a fuga dos assaltantes em dois carros brancos, os militares os perderam de vista e embarcaram novamente numa viatura. Pouco depois, os militares viram o carro de Evaldo a quase 300 metros de distância. O veículo, já atingido, estava parado, com o músico inconsciente o volante. Nesse momento, Luciano tentou socorrer o músico. Segundo a perícia feita no local, a viatura parou a 43 metros do carro, e os militares desembarcaram.

Logo em seguida, os militares fizeram a maior quantidade de disparos, segundo a investigação do MPM. Três acertaram Luciano, e outros oito atingiram Evaldo. De acordo com a perícia do Exército, o carro de Evaldo foi perfurado por 62 tiros. No total, os 12 militares fizeram 257 disparos. O músico morreu no local. Já o catador foi levado ao Hospital Estadual Carlos Chagas, onde faleceu 11 dias depois.

Como O GLOBO revelou na semana passada, os militares afirmaram que só atiraram novamente porque Luciano estaria com uma pistola e teria tentado atacar a patrulha. Nenhuma arma, contudo, foi apreendida na cena do crime. Dayane Horrara, mulher de Luciano e testemunha do ataque, afirmou ontem que os militares mentiram:

— Mataram o Luciano no mês passado. Agora, querem matar meu marido denovo, dizendo que ele era bandido, mas a investigação mostra que isso não é verdade. Nove dos 12 militares envolvidos no caso estão presos. Todos respondem por duplo homicídio e omissão de socorro.

Fonte: Jornal O Globo (2019)

O texto do Recorte 02, posto que possui a mesma natureza do Recorte 01, tem cenas englobantes e cena genéricas da mesma natureza da matéria analisada anteriormente. Além disso, existe uma similaridade de construção de narrativa entre os dois textos, como é possível notar, por conta das estruturas que estão presentes nas duas produções e uma seleção parecida de termos que estão relacionados às pessoas dos 12 militares que participaram da patrulha. No entanto, deve-se ressaltar que como elemento diferenciador há o conteúdo de cada um dos textos jornalísticas.

Nas duas situações discursivas, altamente representativas para o conjunto pesquisado, há a presença do discurso que apaga os elementos militares, quando deixa de usar objetos semióticos e descrições mais elaboradas das ações dos homens que faziam a patrulha, em vários sentidos, causando o esvaziamento de sentidos no ambiente sócio-interativo. O texto do recorte 2 utiliza-se da polifonia quando reporta a fala da esposa do músico Luciano através da ferramenta discursiva da citação direta. E isso ocorre com muito mais frequência em inúmeras produções do complexo analisado, pois é comum na práxis do jornalismo agregar vozes através deste mecanismo. Sendo assim, ao analisar as narrativas, deu-se voz às pessoas que estiveram relacionadas com o julgamento e investigação, ou, que como no caso da esposa de Luciano estão vivas após a investida militar.

Quadro 04 – Análise das matérias de “O Globo”

	Carro de músico o fuzilado tenente do Exército fez 77 disparos de fuzil na ação	Justiça Militar mantém nove militares presos por fuzilamento de carro onde músico foi morto	80 tiros: Conselho manda MPF arquivar investigação de fuzilamento de músico e deixar caso com procuradores militares	Nove militares acusados de fuzilamento de carro onde músico foi morto deixam a prisão	MP Militar pede relaxamento de prisão de soldados que dispararam mais de 80 tiros contra músico	Carro de músico começou a ser fuzilado a 250 metros de distância, aponta perícia do Exército	Militares do Exército dão 80 tiros em carro e matam músico na Zona Norte	MP Militar pede soltura de militares presos por fuzilamento de músico e catador em Guadalupe	Morre catador baleado em ação na qual Exército disparou 82 tiros	MP Militar quer barrar investigação do MPF sobre fuzilamento de músico e catador por militares
Nome	* ¹¹	P	*	P	N/P	N/P	N/P	P	N/P	N/P
Audiovisual	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	P	P	P	N/P
Fotografia	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P
PDF	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P
Infográfico	N/P	N/P	N/P	N/P	N/P	P	N/P	N/P	N/P	N/P

Fonte: Elaboração dos autores, 2019

¹¹ O uso do asterisco representa a menção a um ou mais de um militar, porém não a todos

4. Encaminhamentos Finais

Neste trabalho, procurou-se demonstrar que diversos elementos deixaram de ser utilizados na cobertura da ação de militares do exército contra civis que resultou no óbito de dois cidadãos e ferimento de dois outros, sendo assim, um fato de puro interesse público. Além de analisar o pouco uso dos recursos jornalísticos e a intenção e eventuais motivos que podem estar vinculados a esse modo de produzir informação. Dado que, atualmente, os profissionais do jornalismo podem utilizar-se de elementos de diversas naturezas para agregar dados e “recortes da realidade” que contribuirão para um sentido mais amplo e coerente.

A análise do conjunto dessas coberturas leva à conclusão de que não se utilizou da totalidade de recursos em nenhum dos produtos do gênero informativo e, inclusive, que elementos básicos como o nome dos 12 e a imagem dos envolvidos na morte do músico não se faziam presente nas fotos e audiovisual. Não se deve deixar de levar em consideração que o andamento da investigação sobre o caso deu-se, segundo Ofício nº 13596/GM-DM, sob sigilo de justiça. Todavia o ato de informar não pode ser interrompido e tem que ser exercido.

Visto todo esse cenário, ao longo deste artigo, objetivou-se igualmente observar o desenvolvimento da cena de enunciação, da cena englobante, da cena genérica e do processo significatório que as cenas infiltraram nos discursos jornalísticos selecionados. Com isso, mostra-se que as categorias relacionam-se a diferentes manifestações do sujeito enunciador e nestas produções foi razoavelmente produtivo o repasse dos fatos, pois as estruturas que visariam levar "puramente" a informação de uma maneira simples, no entanto, encontram um cenário escasso de recursos para realizar esta tarefa.

A cena da enunciação, a cena englobante e a cena genérica cumpriram um papel contributivo nos discursos analisados, pois junto a noção que as cenas transmitiram houve o fortalecimento dos sentidos para reportar a realidade e dar condições para que o co-enunciador possa cooperar com os entendimentos que estão contidos nos discursos jornalísticos. A cenografia não possui amplo desenvolvimento, pois deixa de entregar ao leitor, co-enunciador, outros elementos, além dos textos e que poderiam estar presentes nos textos, que corroborariam para uma visão mais abrangente ao processo informativo.

Em síntese, é possível obter-se a noção nos discursos jornalísticos em análise de que, apesar dos enunciadores não valorizarem maneirismos na construção dos textos, a compreensão e o estabelecimento ocorreram como fruto de uma inter-relação resultante do cruzamento das cenas e do ethos, essência do texto.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

DONNE, John. **Meditações. Tradução e notas de Fábio Cyrino**. São Paulo: Editora Landmark, 2007.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, Fatos E Interesses**: Ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis/SC: Insular, 2009.

JORGE, T. de Mendonça. **Manual do foca**: guia de sobrevivência para jornalistas.. Editora Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **A cena de enunciação**. In: *Tipos e Gêneros do Discurso*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MELO, José Marques de. et ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos**: um modelo classificatório. Intercom – RBCC, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

McQUAIL, D. **Teorias da Comunicação de Massa**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

NUNES, Carlos Alberto. **Notícia e Linguagem**. Canoas/RS: Editora da ULBRA, 2003

PONTE, Cristina. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: ICS, 2005.

QUÉRÉ, Louis. “**Entre facto e sentidos: a dualidade do acontecimento**”. Revista Trajectos, Lisboa, n.6, p. 59-76, 2005.

REBELO, José. “**Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento**”. Revista Trajectos, Lisboa, nº. 8-9, p. 17-27, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. 26ª ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix: 1995.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>> Acesso em: 23 jun. 2019.

TAMBOSI, Orlando. **Informação e Conhecimento no Jornalismo**. Jornalismo e Conhecimento, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2. Sem 2005.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo I**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

VERDADE In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/verdade/> . Acesso em: 05/07/2019

VYGOTSKY, Lev. S. **As Raízes Genéticas Do Pensamento E Da Linguagem** . In: *A Construção do Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.